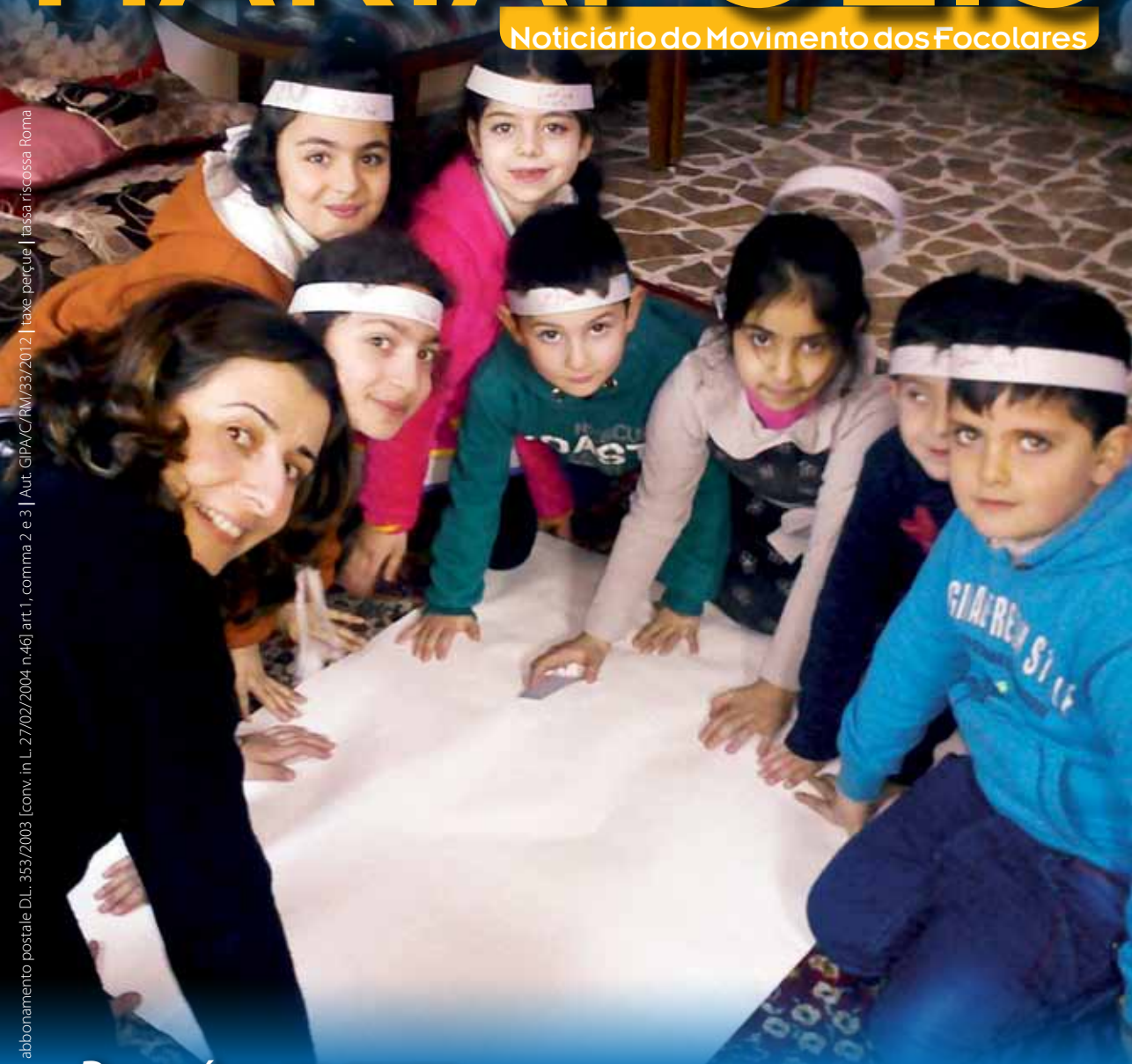


ANO XXXII N 12 DEZEMBRO 2015

# MARIÁPOLIS

Noticiário do Movimento dos Focolares

Poste Italiane S.p.A. | Spedizione in abbonamento postale D.L. 353/2003 (conv. in L. 27/02/2004 n.46) art. 1, comma 2 e 3 | Aut. G.P.A./C/RM/33/2012 | taxa perc. UE | tass. riscossa Roma



*Dos países em guerra*

**Escrevamos  
juntos a  
palavra paz**

**Silvana Veronesi**  
Deixou-nos a mais  
nova das primeiras  
focolarinas

**Gen2 da região sul**  
Uma grande  
mobilização para a  
unidade

# Não à derrota da paz



© archivio CSC

Castel Gandolfo, dezembro de 2003

Os numerosos atentados das últimas semanas, desde o Líbano à França, do Egito ao Malí, puseram em primeiro plano o terrorismo e as suas ameaças, os choques entre diferentes culturas e religiões e as possíveis soluções aos conflitos em ato nos vários "pontos quentes" do planeta.

Por ocasião do Natal de 2003, Chiara Lubich propôs aos leitores da revista *Città Nuova* um seu artigo editorial onde oferece uma ampla reflexão sobre o terrorismo e sobre os caminhos para chegar à paz. Propomos alguns trechos deste texto com uma atualidade incrível.

É Natal, mais uma vez! Como um bálsamo para as nossas feridas, volta a festa da vida e da paz, precisamente num momento em que sopram impetuosos ventos de guerra e as nuvens do terrorismo incutem medo por todo o lado.

Mas a partir deste Natal é preciso que a paz volte a triunfar, porque ela é vida enquanto que a guerra é morte. [...]

Para que a humanidade continue a viver e a viver melhor, é necessário voltar a considerar a paz não como uma ideia ao lado das outras, mas como a ideia fundamental para a convivência entre os homens, como a básica lei da família humana que, sem a paz, já não é uma família. [...]

Sem dúvida que, nestes últimos anos, o terrorismo – também como expressão das «forças do Mal» – entrou com uma velocidade ainda maior tornando-se um perigo para a segurança do planeta. «É preciso defender-se», reclama-se por todo o lado, no ocidente. Com certeza que se têm que encontrar todas as medidas capazes de evitar novos massacres, mas sem cometer o erro de, por sua vez, provocou

guerras «preventivas», numa espiral que poria em risco a sobrevivência da humanidade, já duramente provada pelos diálogos interrompidos, pela falta de negociações, pelos muros intransponíveis.

No entanto, o objetivo principal não é militar mas político: esvazia as águas em que navegam os terroristas. E isto pode ser feito pondo em ação «bombas de drenagem, de paz», a vários níveis: dando vigor aos organismos internacionais, trabalhando para uma justa distribuição das riquezas e promovendo uma nova primavera espiritual. Antes de mais, é necessário voltar a dar uma justa credibilidade às instâncias internacionais, muitas vezes reduzidas à impotência. [...]

Em segundo lugar, parece-me necessária uma ação planetária de justiça. Os responsáveis pelos Estados deveriam trabalhar para uma equidade económica efetiva, que todos eles, sem excluir ninguém, afirmam querer seguir, nos respetivos programas. [...] Podia-se começar mesmo aos poucos, para não pôr em risco a estabilidade económica internacional. Mas que

se façam todos os esforços para eliminar o insuportável escândalo da pobreza no mundo, investindo simultaneamente no desenvolvimento das economias locais. Do mesmo modo, deve-se investir na educação e na cultura sem as quais nenhum progresso se mantém a longo prazo.

Existe um terceiro nível, talvez ainda mais profundo, onde é necessário agir. Todos nós, por vezes perguntamos a nós mesmos: de onde nasce a radicalidade da terrível escolha dos *kamikazes*, que vivem pelo próprio ideal até ao ponto de se matarem? Sim, também nós deveríamos ser capazes de dar a nossa vida, não para matar os nossos semelhantes, sem dúvida, mas pelo grande ideal de amor por Deus e pelos irmãos. Infelizmente o ocidente cristão, que venera um Deus feito homem e morto na cruz por amor ao próprio homem, muitas vezes esqueceu-O. Pois bem, esta negação de Deus vive-se, no mundo muçulmano, como uma ameaça.

Se os Países que têm raízes cristãs estivessem

unidos – porque Deus é uno e quer a unidade – em vista do bem comum, se manifestassem objetivos comuns para resolver os problemas da humanidade, talvez alguma coisa mudasse, mesmo no que diz respeito aos relacionamentos com o Islão. Sem a unidade dos cristãos, Jesus Cristo, de certa maneira, não nasce entre nós e para nós, mas continua a permanecer uma «promessa», longínqua para muitos. Nós, os cristãos, somos quase dois milhões: que testemunho damos ao mundo? [...]

O aspecto mais visível da unidade é a fraternidade. Este parece-me, sem dúvida, o caminho mais apropriado para retomar a corrente, para sarar chagas já purulentas e para atingir plenamente a liberdade e igualdade: aquela fraternidade que Jesus trouxe à Terra fazendo-se nosso irmão e fazendo-nos irmãos. É um caminho válido para quem tem nas mãos os destinos da humanidade, mas também para as mães de família, para os voluntários que fazem ações de solidariedade pelo

## Adeus Silvana

**Hoje, 2 de dezembro, com a paginação já concluída, chegou à redação o telegrama que a Emmaus mandou aos focolares, no mundo**

*«Caríssimas e caríssimos todos, também a Silvana foi ter com Chiara no Paraíso, esta tarde. Acompanhamo-la com a certeza de que será uma grande festa no céu e de que ela nos concederá uma chuva de graças para a Obra, especialmente para focolarinas e focolarinos e para as novas gerações.*

*Vai-se compondo, aos poucos, lá em cima, a constelação à volta de Chiara. Vivamos juntos e cada vez mais profundamente este novo enxerto no Paraíso. Unidíssima Emmaus».*

As palavras da Emmaus são reforçadas pela gratidão de toda a Obra para com esta



extraordinária figura de focolarina da primeira hora - Silvana Veronesi – que, desde 1945, desde quando tinha só 16 anos, partilhou com Chiara a fundação e o desenvolvimento da Obra. Em 1949 transferiu-se para Florença para estudar Medicina, fazendo nascer a comunidade. É o que faz também quando, em 1960, vai para os Estados Unidos, depois de ter estado em Turim, Milão e

Roma. Desde 1961 é a responsável central das focolarinas, função que desempenha outra vez desde 1990 até ao ano 2002. Em 1972, e durante cerca de vinte anos, Chiara confia-lhe o Movimento gen, deixando no coração de uma grande fileira de jovens uma marca indelével.

Para um perfil mais completo consultar [www.focolare.org/notiziariomariapoli](http://www.focolare.org/notiziariomariapoli) e o próximo número da *Revista Mariápolis*.

mundo, para quem põe à disposição parte do lucro da própria empresa para eliminar espaços de pobreza, para quem não se conforma com a guerra... A fraternidade «do alto» e aquela «de baixo» encontrar-se-ão assim, na paz.

O plano de Deus sobre a humanidade é precisamente a fraternidade, que é possível também com os homens de outras fés e de outras convicções, porque o amor fraterno está no ADN de cada homem, criado à imagem e semelhança de Deus. [...]

Então este Natal diz-nos: não nos deixemos render! Muitas vezes, a partir das guerras até das mais terríveis, nasceram espontaneamente realidades morais inesperadas e energias insuspeitáveis. E talvez a providência divina se sirva de situações de destruição, provocadas pela

liberdade do homem, para construir *ex novo* aquilo que é necessário para «voltar a dar oxigénio» à humanidade. E são muitos os sinais, para que, da grave conjuntura internacional, possa finalmente surgir uma nova consciência da necessidade de trabalhar juntos para o bem comum, com povos mais ou menos ricos, com armas mais ou menos sofisticadas, que professem ou não uma fé, com a coragem de «inventar a paz».

Acabou o tempo das «guerras santas». A guerra nunca é santa, e nunca o foi. Deus não a quer. Só a paz é que é, realmente, santa, porque o próprio Deus é a paz. Peçamos a Ele, incessantemente, também, nesta festa da vida, que nos possa oferecer a Sua paz.

Bom Natal! Boa paz!

Chiara Lubich  
do *Editorial*, Città Nuova n.24/2003, pp. 8-9

## Novas responsabilidades para os construtores de paz

### Mensagem da Emmaus, Maria Voce, depois dos atentados de Paris, no dia 13 de novembro de 2015

*«Perante os dramáticos acontecimentos de Paris, de ontem à noite, que se juntam aos muitos outros mais recentes em muitas outras áreas do mundo, estamos de luto, com os que foram atingidos nos seus afetos e com os que acreditam que a unidade da família humana é possível.*

*No desânimo e na firme condenação de tais actos contra a vida humana, surge de modo muito forte a pergunta: será que nós demos todos os passos e fizemos tudo o possível para construir as condições necessárias, entre as quais a de favorecer a paridade, mais igualdade, mais solidariedade, mais comunhão de bens, com as quais a violência e as ações terroristas percam a possibilidade de agir?*

*Diante de um quadro que parece perverso, é evidente que não há só uma resposta. Mas é também evidente que nem sequer a reação desenfreada à violência vai fazer voltar atrás os que querem anular as forças vivas dos povos e a sua aspiração a conviver em paz.*

*A convicção de que o mundo se pode*

*encaminhar para a unidade e vencer o conflito e a violência das armas, continua viva na alma e na ação dos que procuram amar todas as pessoas e lutam pelo futuro da família humana. E querem realizar isto através de ações da política, dos instrumentos da economia, das regras do direito.*

*«O Movimento dos Focolares, enquanto chora com quem chora, continua a acreditar no caminho do diálogo, do acolhimento e do respeito pelo outro, seja quem for e qualquer que seja a sua proveniência, credo religioso ou pertença étnica. Por isso, juntamente com todos aqueles que, dentro das diversas responsabilidades, trabalham, mesmo correndo um risco pessoal, pela paz, os Focolares renovam o seu empenho em intensificar e multiplicar atos e gestos de reconciliação, espaços de diálogo e de comunhão, ocasiões de encontro e de partilha a todos os níveis, em todas as latitudes, para recolher o grito da humanidade e transformá-lo numa nova esperança».*

Em direcção ao Natal

## Dar e receber Jesus

Da iniciativa anual, que tem como objetivo voltar a pôr no centro do Natal o verdadeiro festejado, até às várias iniciativas de apoio concreto a crianças com dificuldades: vida gen4 no mundo



Lisboa (Portugal)

«É impressionante entrar num supermercado e ser recebidos por crianças tão sorridentes que oferecem o Menino Jesus... Pensamos poder encontrar tudo num supermercado, mas nunca pensei voltar para casa e trazer comigo Jesus». Exprime-se assim um senhor de Florença (Itália) depois de ter encontrado os e as gen4 que, na própria cidade, como em muitas outras do mundo, estão a desenvolver a ação «Desalojaram Jesus», iniciativa anual que quer voltar a pôr Jesus, o festejado, no centro do Natal. «Há pessoas que não conhecem o Menino Jesus, e por isso nós levamo-Lo pelas ruas para o dar a conhecer», explica uma gen4.

A ação «Desalojaram Jesus» nasceu em 1997 e em muitas cidades está-se a realizar, a difundir e a ampliar: «este ano, escrevem os gen4



Vilnius (Lituânia)

da Lituânia - recebemos o convite para participar no mercadinho internacional de beneficência, organizado pela embaixada de Vilnius. Vamos poder apresentar a nossa actividade e assim ajudar os meninos doentes de cancro, que é a finalidade deste mercadinho anual». Em algumas cidades da Índia e dos Camarões, preparam também canções de Natal e teatrinhos sobre a história de Jesus, que eles mesmos representam, oferecendo as estatuinhas. Outras vezes, o Natal é a ocasião para levar Jesus a quem está mais sózinho: os gen4 e as gen4 de Guatemala festejaram Jesus com os idosos de uma casa de repouso.

A oferta do Menino Jesus é um gesto que muitas vezes provoca, em quem o recebe, o desejo de dar. De facto, muitas pessoas deixam espontaneamente uma oferta para

Florença (Itália)



apoiar a iniciativa. «Nós damos o dinheiro aos meninos pobres – explica um gen4 – àqueles que têm menos sorte do que nós e assim eles podem comprar roupas, sapatos e comer... e podem ir à escola». Cada ano há atividades e projetos específicos, aos quais se destina o que se recolhe. No ano 2014 os fundos foram para a África Central, Serra Leoa e Síria, para além de ter apoiado tratamentos muito



Filipinas

e levam a todos, sobretudo aos mais necessitados, Jesus vivo no meio deles. Foi forte, por exemplo, a experiência da Jordânia com meninos iraquianos

que foram pedir refúgio, com as suas famílias. Obrigados a deixar tudo e a viver num País com pessoas, hábitos, língua e comida diferente, estes meninos foram ajudados, pelo amor dos e das gen4, a ir para além de si mesmos, a integrar-se, a exprimir-se, a sentir-se parte de uma comunidade. E isto, por sua vez, encorajou-os a amar.

De Teramo (Italia) escrevem: «Nós, gen4, estivemos no bazar da Cáritas e levámos alimentos e prendas para os imigrantes e pobres. Envolvermos nisto também os gen3, os nossos pais e muitos da comunidade. Foi lindíssimo! No fim enchemos três carrinhos com muitas coisas boas! Antes de voltar para casa escrevemos à Emmaus para responder à sua carta onde nos tinha dado esta ideia formidável. Fizemos tudo juntamente com a nossa comunidade e foi uma ocasião preciosa para nos pormos todos em doação. No fim havia uma grande alegria no coração de cada um!». A notícia desta atividade, difundida através do site [www.gen4.focolare.org](http://www.gen4.focolare.org), foi o motor para outras iniciativas: «Ontem - escrevem de Scicli (Italia) - lemos

a Palavra de vida onde se explicava que somos todos irmãos e lemos também a experiência dos gen4 de Teramo no site. Sabendo que também na nossa cidade há adolescentes emigrados, que fugiram do seu País por



Camarões

caros para um gen4 da Sérvia, com uma doença rara. Este ano, o que se conseguir vai para as crianças refugiadas e para as que sofrem por causa da guerra do Médio Oriente. Mas os gen4, em todos os lados, procuram conhecer aquilo que precisam os mais pobres, mesmo quando eles próprios vivem em situações de guerra e pobreza. Acontece que de alguns Países africanos, mandam dinheiro para a Síria ou que, da Terra Santa, mandam para a África.

Para este Natal o slogan da iniciativa é «Acolher Jesus», um convite que os gen4 e as gen4 vivem também durante o ano: quando não oferecem a imagem de Jesus pelo Natal, dão o próprio amor concreto



Guatemala

causa da guerra, surgiu a ideia de fazer algo por eles. Um gen4 que tinha filhóses para a merenda, propôs oferecê-las a eles, outro pensou em escrever uma carta. Fomos visitá-los. Apesar de não falarem a nossa língua e de os nomes deles serem difíceis - eram da Gâmbia, da Guiné - ficaram contentes e sorriram-nos. Os trabalhadores do centro agradeceram-nos».

Muitas vezes as gen4 e os gen4 são chamados a contar o próprio testemunho de amor e de paz, aos seus companheiros. Em Bangalore, na Índia, por desejo de um pároco que conhece o Movimento dos Focolares, pensou-se numa jornada na qual pudessem dar a conhecer a vida deles. Escrevem: «pedimos ajuda também a um gen3 e a uma gen3 pequena que vêm da experiência gen4. Duas horas de programa para 44 crianças dos 4 aos 11 anos. No fim demos um "dado do amor", a cada um convidando-os a lançá-lo todos os dias e a viver o que ele sugere. Encontrar-nos-emos de novo para preparar juntos os Meninos Jesus e distribuí-los por ocasião do Natal. Os meninos estavam muito contentes, assim como alguns pais presentes porque, para além dos jogos, falamos de como se joga e de como se vivem as frases do "dado"». O pároco ficou feliz e deseja agora que se faça uma jornada para os adolescentes.

Um gen4 de Milão (Itália) conta que uma noite a sua mãe chegou a casa um bocado cansada e ralhou com todos. Quando foi ter com ele para o beijo da boa noite, pediu-lhe desculpa: «sim mãe eu perdoo-te – disse-lhe o gen4 – também Deus criou o dia e a noite, assim de manhã somos todos novos e podemos recomeçar».

Com os gen3 nasceu outra iniciativa

que viu os gen4 e as gen4 protagonistas: em Roma (Itália), passaram uma tarde no bairro hebraico. «Oiçam profundamente tudo o que vos vão oferecer – disse-lhes a Anna Coen Di Segni que os acompanhou e guiou - depois, se tiverem ainda qualquer coisa que não ficou clara, façam perguntas, mas antes oiçam!». Um passeio com um diálogo escrupuloso, atento e respeitoso sobre as diferentes identidades. No bairro e no Museu hebraico houve a possibilidade de abrir muitas páginas de história, ver os edifícios e a sua disposição, conhecer as profissões que tinham, a característica da vida dos hebreus em Roma, o interior das casas, os objectos de culto. Uma gen4 disse:«Também Maria viveu assim e quando nasceu Jesus ensinou-Lhe estas coisas»; e outra «Como estamos próximos, tudo o que é a história deles, de facto é também a nossa». Como conclusão do percurso chegou-se à Sinagoga. «Parece uma grande Catedral, não é muito diferente...» disse uma gen4. E a guia: «É mesmo isso, disseste bem, de facto, do céu de Roma podem-se distinguir bem

duas cúpulas próximas: uma é S. Pedro, outra a Sinagoga».

*Anna Lisa Innocenti  
com os Centros gen4*

(ver também  
<http://gen4.focolare.org>)



Roma. Com a comunidade hebraica



# Preparação de Munique 2016

## Na Holanda, os amigos de «Juntos pela Europa»

**Encontro de preparação do grande evento de Munique 2016.**

**Cerca de cem participantes de vários Movimentos e Igrejas, vindos de 12 Países. As notícias dos atentados de Paris fazem viver momentos fortes com um renovado compromisso para a paz.**

Catarina é uma gen2 portuguesa que estuda Economia e Comércio. Faz parte da Comissão Regional de «Juntos pela Europa» (JpE) da cidade do Porto. É uma das cem pessoas que chegaram à Cidadela Marienkroon, na Holanda, para o encontro anual dos Movimentos e Comunidades amigos de «Juntos pela Europa». Como ela, cada participante traz consigo experiências, expectativas, interrogações...é expressão da realidade que representa a nível local.

É um encontro de trabalho, do dia 12 a 14 de novembro. Os participantes analisam a que ponto está a preparação do próximo grande evento promovido pelo «JpE» que, depois do de Bruxelas, em 2012, reunirá em Munique, na Alemanha, do dia 30 de junho até 2 de julho de 2016, milhares de pessoas provenientes de toda a Europa.

Era a véspera dos atentados de Paris. Nas



exposições que se fazem reconhecem-se as problemáticas políticas, económicas e sociais que hoje se vivem na Europa: desde o surgir de forças populistas, até às fortes tensões devido ao acolhimento dos refugiados e de guerras que estão prestes a acontecer. Reconhece-se também que, ao mesmo tempo, se estão a manifestar novas forças, nos jovens e na sociedade civil. Não há dúvida que o momento atual vai transformar as comunidades e os países do «velho continente». Mas em que direção?

Refaz-se o percurso de «JpE», caracterizado, desde o princípio, pela unidade na diversidade e pela consciência de fazer parte de uma minoria que tem confiança. O que aconteceu nos últimos 15 anos, devido ao encontro e reconciliação entre realidades tão diferentes, revela que esta confiança



Cidadela Marienkroon. Trabalhos em curso no encontro dos amigos. À esquerda, a porta que se abre, um dos símbolos do evento



## Após os atentados de 13 de novembro

Recebemos com horror a notícia dos dramáticos atentados em Paris. [...] A Europa para nós é o continente onde pessoas de culturas e religiões diferentes são bem-vindas e podem viver em liberdade e em paz [...] Os acontecimentos estimulam-nos a viver ainda mais intensamente pelos valores da Europa. Também a nossa fé cristã nos apela a isso. Queremos estar com as famílias das vítimas e solidários com os políticos que devem agora tomar decisões difíceis. Vivemos como amigos na Europa e experimentamos, nestas horas, um laço profundo com todos os franceses

Comprometemo-nos como nunca a rezar pela paz, a vivê-la e a difundir-la onde estivermos. Queremos viver cada vez mais profundamente o amor recíproco e a confiança, e em ambos encontrar a força. Por meio de um rosto humano e da fidelidade aos seus valores, a Europa continuará a esperar e a partilhar um futuro comum.

*Rede ecuménica «Juntos pela Europa»*

produz um efeito. Comunidades e Movimentos experimentaram o gosto de se encontrar, a confiança recíproca transformou as pessoas. Trata-se da ação de Deus, que nunca se manifesta no poder, e que afirma «Eis que eu faço novas todas as coisas» (Ap 21,5).

Em grupos e nas plenárias trabalha-se na preparação do evento de Munique, que terá como título: «Encontro e Reconciliação. Futuro». Munique pretende ser um grande sinal de unidade. Na era do medo, um testemunho de fé na força do Mandamento Novo. Entre os símbolos do evento pensa-se que pode ser uma porta que se abre, olhar para o futuro. Os três dias em Munique vão-se subdividir em dois grandes momentos. Dia 30 de junho e 1 de julho, um Congresso internacional no Circus-Krone-Bau, articulado em 19 Foruns e 16 Mesas-redondas sobre temas; dois dias de partilha de experiências e projetos para se definir o modo como ir ao encontro das realidades implícitas em cada temática. Dia 2 de julho, uma Manifestação na Karlsplatz (Stachus), aberta à cidade, com o lema «500 anos de divisões já basta! - a unidade é possível!». As inscrições 'online' estão abertas a partir de janeiro de 2016.

Na cidadela Marienkroon, a manhã de conclusão foi vivida com o *choque* dos atentados, que sucederam em Paris durante a noite. As notícias não são seguras. Teme-se pelas pessoas queridas, pela segurança nas viagens de regresso... Faz-se um momento de silêncio, seguido de um «Pai-nosso» cantado em russo pelos amigos ortodoxos. Um solene momento de mãos dadas. Gestos concretos que reforçam a fé na ação de Deus, que antes se afirmou. Decide-se elaborar uma declaração pública sobre esse tema, que foi imediatamente difundida pelos meios de comunicação (*ver quadro*).

Catarina é a primeira a partir. Não tem medo. Sorri e despede-se de todos: «Adeus, até Munique».

*Benjamim Ferreira*

A Karlsplatz de Munique da Baviera

Com o carisma da unidade, ao serviço da Igreja

# A força de «caminhar juntos»

**Em Florença realizou-se, do dia 10 ao dia 13 de novembro, o Encontro da Igreja em Itália, que acontece de dez em dez anos. O tema foi: «Em Cristo Jesus, o novo humanismo». 2200 delegados de todas regiões do País aprofundaram cinco caminhos para ativar um humanismo concreto: sair – anunciar – habitar – educar – transfigurar. Entre os participantes, estavam umas sessenta pessoas do Movimento, que serviram de «humilde fermento na massa»**

Um Encontro construído numa profunda escuta entre todos: leigos, religiosas e religiosos, sacerdotes e bispos, e tendo em conta a vida concreta, o uso de uma linguagem simples, compreensível a todos, uma partilha plena entre todas as realidades da Igreja italiana. Uma resposta ao estímulo que foi dado pelo papa Francisco já na *Evangelii Gaudium* e nos encontros com a Conferência episcopal italiana.

Para preparar este Encontro, realizaram-se muitos momentos de trabalhos e de partilha que encontraram expressão no site [www.firenze2015.it](http://www.firenze2015.it), com experiências concretas. O movimento dos Focolares em Itália apresentou no seu site várias experiências, entre as quais as dos grupos de trabalho 'muçulmanos' e 'legalidade'. As palavras do Papa, durante a abertura do Encontro, deram uma orientação, com o seu projetar uma Igreja humilde, desinteressada e santa (alegre), que não cai na tentação de controlar tudo, que confia nas estruturas mas crê na ação

de Deus, sem se limitar ao conhecimento das situações e a elaborar juízos definidos, mas uma Igreja que vai ao encontro do homem concreto.

Foi significativo o facto de que, antes de ir a Florença, o papa Francisco quis passar por Prato, uma pequena cidade toscana onde vivem e trabalham muitos imigrantes chineses.



Foi uma esperança para o futuro a comunhão que se criou durante os 200 grupos de trabalho, sobre os cinco «caminhos», que foram verdadeiros momentos de discernimento comunitário que caracterizaram o Encontro. Veio em evidência muita vida, o que mostra como a Igreja já está «a sair» e assume o cuidado «do outro» e como são necessários olhos que vejam o que existe e o que se faz para o poder potenciar e projetar novas modalidades. Foi forte a exigência de uma coerência ainda mais evangélica, o gosto de caminhar juntos, pastores e leigos,





## Os sentimentos de Jesus

### A mensagem do papa Francisco

*A Humildade, o desinteresse, a santidade: são os três traços que hoje quero apresentar à vossa meditação sobre o humanismo cristão, que nasce da humanidade do Filho de Deus. Estes traços dizem também alguma coisa sobre a Igreja Italiana que hoje se reúne para caminhar conjuntamente. Estes traços dizem que não devemos ter a obsessão do «poder», até quando este possa parecer um poder útil e funcional, segundo a imagem social da Igreja. Se a Igreja não assumir os sentimentos de Jesus, desorienta-se, deixa de ter sentido. Pelo contrário, se os assumir, ela saberá estar à altura da sua missão. Os sentimentos de Jesus dizem-nos que seria triste uma Igreja que pensa em si mesma e nos seus próprios interesses. As bem-aventuranças são o espelho em que nos devemos olhar... Uma Igreja que tem estes três traços – humildade, desinteresse, santidade – é uma Igreja que sabe reconhecer a ação do Senhor no mundo, na cultura, na vida quotidiana das pessoas.*

*Papa Francisco*

*Discurso na Catedral de Florença, 10 de novembro de 2015*

de ser inclusivos e de agilizar os procedimentos. Resultou por ser uma experiência sinodal paradigmática, que deixou o desejo de traçar uma rota semelhante também nas comunidades locais.

## Presença e compromisso: a atualização da Obra na Igreja de Itália

Como representantes do Movimento dos Focolares estavam Jesús Morán, Rosalba Poli e Andrea Goller (delegados para a Itália), representantes de 'Famílias Novas' e da 'Economia de Comunhão'. Nomeados pela diocese estavam sessenta pessoas, entre bispos, sacerdotes e leigos.

Marialetizia Milanese e Patron escreveram: «... vi este corpo de membros da Obra de Maria a “negociar” o carisma que receberam. Cada um de nós era como uma semente que morria e vivia no seu ser, nos vários grupos que tinham sido preparados, e podia assim ajudar a Igreja toda a viver a comunhão, para um maior discernimento. Foi singular, e nunca antes experimentada, esta forma de trabalhar nos grupos, onde cada um de nós pode pôr-se concretamente a colaborar dando a sua contribuição. É o Movimento que «vai para fora» juntos e ajuda a Igreja a «ser comunhão».

No dia seguinte ao Encontro, muitos membros do Movimento foram integrados nos encontros para atuar o que se tinha vivido, nas dioceses ou nas zonetas (Nápoles, Sardenha, Toscana, Lácio sul, Molis, Basilicata, Sicília, Triveneto). Pedem-nos neste momento que, como Obra, trabalhemos de modo diferente nas estruturas e na vida da Igreja, conscientes de que temos muito para oferecer como experiência e capacidade de construir comunhão, para desenvolver o estilo de vida sinodal e o discernimento comunitário, a fim de se ser uma Igreja ao serviço do homem.

*Claudio Guerrieri*



Encontro ecuménico  
de Bispos em Constantinópla

# Cultura da unidade à prova dos factos



Encruzilhada e ponte entre a Europa e a Ásia, entre terras de cultura cristã e outras de marca islâmica, Istambul – a antiga Constantinópla – fala de História por todos os cantos. Atualmente é um importante nó comercial e de comunicação onde se encontram os píncaros da modernidade com tradições seculares.

Foi neste cenário que, de 25 a 30 de novembro, se realizou o 34º Encontro de Bispos de várias Igrejas, amigos do Movimento dos Focolares, num momento em que as tensões do Médio Oriente estão ao rubro, com novos mártires cristãos e não menos vítimas entre as populações muçulmanas moderadas. A vinda aqui de 35 Bispos de 19 nações e 16 Igrejas foi devida ao grande desejo de unidade do Patriarca Bartolomeo I.

Ainda estão vivos os intensos momentos no fim de outubro, em Loppiano, com o doutoramento h.c. de Sophia em «Cultura da Unidade», quando Bartolomeo I, no dia 25 de manhã, chegou à ilha de Heybeliada (Halki) e subiu ao Mosteiro da SS. Trindade. À sua espera estava o card. Francis Xavier Kriengsak Kovithavanij, juntamente com os Bispos e a Emmaus e Jesús Moran, que tinham chegado na noite anterior. Durante três dias o Encontro realizar-se-ia neste lugar onde, em 1844, foi fundada a célebre escola teológica do Patriarcado, que formou centenas de

Bispos até que, em 1971, foi fechada por uma nova lei do Estado.

«Estou contente por estar convosco» afirmou Bartolomeo I. Falando do tema do Encontro - «*Juntos para a Casa comum. A unidade dos discípulos de Cristo na diversidade dos dons: ao serviço da família humana*» sublinhou a sua importância. «*A Igreja é a continuação do Pentecostes na Terra, é imagem da Trindade*» Por isso não pode haver unidade sem diversidade, nem diversidade sem unidade. Faz a pergunta à qual urge responder: Como «*harmonizar as diversidades dos carismas das nossas Igrejas hoje [...] e ser “typos” para a unidade do mundo?*».

Outro pilar da abertura é o tema da Emmaus sobre «A unidade: dádiva - empenho - objetivo». À luz do carisma de Chiara, indica a Trindade como modelo e Jesus Abandonado como chave. E conclui com uma frase de Chiara, que soa de um modo particular: «*o meu eu é humanidade com todos os homens que existiram, existem e existirão*».

À tarde, os Bispos estudam a vida das Igrejas no Médio Oriente. Emergem problemáticas enormes, quase irresolúveis. Sobre o fundo desta situação vem em grande realce o trabalho do Movimento dos Focolares nestas terras, ilustrado pelos responsáveis da Obra: muitas experiências «micro» de uma fraternidade real, que nasceram





do amor por Jesus no seu Abandono. Factos de vida que voltam a dar esperança.

Mas como falar de unidade sem admitir o que as Igrejas têm pontos de vista tão diferentes para este tema?

Muitas vezes, Chiara tinha convidado a confrontar, com Jesus no meio, também as visões diferentes. Não tanto para as discutir, mas para se compreender mais profundamente e oferecer, por amor, também o próprio ponto de vista. Na realidade, o Patriarca tinha já delineado a visão ortodoxa. Seguiram-se intervenções e diálogos sobre a unidade, segundo a perspectiva anglicana, luterana e católica romana.

Conhecer melhor a Igreja dos outros provoca um «algo mais» de amor recíproco. Aperceber-se também das notáveis diferenças é uma dádiva e um desafio. Uma série de exemplos de «diálogo da vida», apresentada por pessoas do Movimento de várias Igrejas, ilustraram este tema.

A unidade como *objetivo*, no mundo atual: foi a tonalidade do terceiro dia, com Jesús Moran que aborda, com uma grande amplitude, o tema «Com o carisma da unidade diante dos desafios da humanidade hoje», muito apreciado pelos Bispos. Gerhard Pross ilustra os desenvolvimentos da rede ecuménica «Juntos pela Europa» e convida os Bispos a participar no próximo grande evento de 2016, em Munique (Alemanha).

Seguem-se três dias de «peregrinação». A primeira etapa é a Calcedónia, o atual Kadikoy, onde, em 451, se realizou o quarto Concílio ecuménico.

## As impressões de Emmaus Maria Voce e Jesús Morán

«Nestes momentos de grande tensão social e cultural - disse **Jesús**, no dia seguinte ao Encontro - uma experiência de unidade como aquela feita entre Bispos de 16 Igrejas diferentes e de 19 nações é de grande significado. A sua participação na festa de Sto. André, no Fanar, foi um momento de visibilidade extraordinária. As Igrejas devem dar passos decisivos para a plena unidade, porque o mundo tem necessidade dela. Sem dúvida, este Encontro foi um sinal profético, às portas do Sínodo Panortodoxo em 2016 e do quinto centenário da Reforma em 2017. Por outro lado, foi uma ocasião preciosa para solidarizar com todas as Igrejas e os cristãos do Médio Oriente, que sofrem perseguições de vários tipos».

«Pode-se dizer – comentou a **Emmaus** – que os Bispos viveram todas as dimensões do ecumenismo: a da vida, do diálogo teológico e a espiritual. Foi uma experiência muito bonita e importante, porque se encontraram imersos



numa atmosfera de Jesus no meio, que permitiu que se falassem com abertura completa, prontos a escutarem-se uns aos outros profundamente. Disseram-nos que tinham podido encontrar-se nesta liberdade e nesta capacidade de amor recíproco só graças ao carisma de Chiara e ao ambiente do Movimento. Vimos o Patriarca Bartolomeo muito atento para dar a conhecer aos outros a experiência destes Bispos, explicando também publicamente, nas cerimónias, o que é o Movimento dos Focolares. Para o Obra tudo isto é um apelo a não perder de vista esta possibilidade enorme que temos de fazer experimentar a unidade como uma característica que nos é própria. E de ter consciência da importância destes lugares, símbolo do primeiro cristianismo, como base para levar de novo a unidade ao seu desígnio original».

# Cidadelas

## Loppiano hoje, belezas e desafios

**O Conselho Geral na Mariápolis Renata. Joxepi Zubillaga e Stefano Fontolan, co-responsáveis da cidadela, contam a experiência destes dias**

«Na sua pequenez, Loppiano é realmente um esboço de mundo unido e, como tal, tem belezas extraordinárias e desafios extraordinários. Mas revelemos as belezas, porque vale a pena!». São palavras da Emmaus na conclusão da semana (23-27 de outubro) que, juntamente com Jesús Moran e todo o Conselho Geral da Obra, esteve na cidadela, para conhecer a fundo as diversas componentes. A sua permanência acompanhou a visita do Patriarca Bartolomeo I.

***Joxepi e Stefano, como viveram aqueles dias com toda a cidadela, juntamente com o Conselho Geral da Obra?***

A visita foi suscitada pelo desejo, expresso pela Emmaus e pelo Conselho Geral da Obra, de conhecer mais por dentro a cidadela na sua complexa articulação, fruto de um desígnio que se foi desenvolvendo ao longo do tempo, a partir da originária intuição de Chiara.

Aquela semana foi realmente um momento de graça para voltar a colocar em foco a identidade e o papel de Loppiano no hoje da Obra.



«Chegar à compreensão de que Jesus é verdadeiro Deus foi um caminho doloroso e difícil, mas hoje é um ponto de referência decisivo», comentou o card. Kriengsak. «Também para nós o caminho para a unidade, na diversidade, é às vezes árduo, mas, se formos fiéis, pode gerar frutos para os séculos futuros». Foi com esta alma que os Bispos selaram aqui o pacto de amor recíproco. Encontrar-se depois na antiga igreja de St<sup>a</sup> Irene (hoje museu), onde os Padres conciliares definiram o Credo niceno-constantinopolitano, e em St<sup>a</sup> Sofia (igualmente museu), igreja «mãe» da Ortodoxia, foram momentos que, como disse um Bispo: «Nos interpelam a voltar à nossa única raiz».

Nos dias seguintes, os Bispos participam nas Vésperas e na Divina Liturgia da festa do patrono do Patriarcado ecuménico, o apóstolo André. Na homilia das Vésperas, Bartolomeo I põe em paralelo André, o irmão de Pedro, o «primeiro a ser chamado» por Jesus, e Chiara Lubich, a «primeira a ser chamada» ao carisma da unidade. «*Não temos o direito de nos desencorajar - afirma - diante do rumor de tantos horrores que acontecem ao longo dos caminhos do mundo. Pelo contrário, temos o dever de anunciar a todos que só o diálogo, a compreensão, a postura positiva, que provém da nossa fé em Cristo, pode vencer. E ainda: «O santo apóstolo André não teve dúvidas, ao encontrar o Mestre, e nem mesmo Chiara teve dúvidas ao confiar-se a Ele. Assim também nós».*

Naquela mesma tarde, o card. Kurt Koch, enviado com uma delegação do Papa Francisco para a solene celebração, fala aos Bispos sobre «o Papa Francisco e a causa da unidade dos cristãos». Segundo o Papa, em primeiro lugar não vem o diálogo teológico mas o encontro fraterno: «A unidade não vai vir como um milagre, no fim: vem no caminho, é o Espírito Santo que a faz».

*por Giancarlo Faletti  
e Hubertus Blaumeiser*



### **Como se prepararam para um tal encontro?**

Querendo que tudo fosse expressão da unidade, preparámo-nos procurando envolver todos - membros das Escolas, habitantes estáveis, desde os últimos que chegaram aos «pioneiros» -, pedindo o seu contributo pessoal de considerações, opiniões, perguntas. Enviámos depois à Emmaus, Jesús e todo o Conselho Geral o material recolhido, como base para uma reflexão comum, de onde fazer surgir, graças à presença de Jesus no meio, orientações e indicações. Também o programa foi elaborado em conjunto, em momentos de confronto a vários níveis.

Após uma manhã de introdução, centrada sobretudo nos aspetos estruturais da cidadela, houve muitos encontros significativos que constelaram os dias da visita: com o Conselho da Cidade, com uma representação dos focolarinos e das focolarinas presentes na Escola de formação, com toda a Cidade.

Foram importantes as visitas ao Instituto Sophia, ao Pólo Lionello Bonfanti e à Cooperativa Loppiano Prima, assim como as visitas feitas pelo Conselho Geral às várias atividades laborais e Escolas.

Momentos vívidos num clima de família e úteis para poder penetrar no tecido da cidadela foram os dois serões a jantar em casa das famílias, nos focolares, nas Escolas. Tudo foi matéria prima para um crescendo de conhecimento recíproco e de unidade.

### **Encontraram imediatamente os primeiros efeitos?**

Nos vários momentos de confronto e

partilha, a escuta profunda e as palavras da Emmaus e do Jesús levaram-nos progressivamente a compreender e a fazer nossa, de modo novo, atual e forte, a realidade mais profunda de Loppiano: o seu ser Mariápolis permanente, um impulso, que vimos como uma ocasião única, para aperfeiçoar cada relacionamento, para que seja fruto de um amor recíproco sempre renovado e fresco. Uma ajuda para isto é a singular coincidência com um ano dedicado à Unidade e com o jubileu da misericórdia.



### **A visita do Patriarca Bartolomeo e a forte experiência de unidade puseram em luz muitas potencialidades da cidadela. O que significa ter vivido aquele momento histórico?**

O facto de o Conselho Geral entrar nos múltiplos aspetos da cidadela tornou ainda mais evidente, em nós mesmos, as suas potencialidades e riquezas, que a vinda do Patriarca Bartolomeo amplificou.

O número precedente da *Revista Mariápolis* já deu uma ampla reportagem<sup>1</sup>. Sem dúvida que podemos dizer que se tratou de um momento histórico, ponto culminante de um longo percurso, que tem as suas raízes na própria história da Obra, e que teve o seu início nos encontros proféticos de Chiara com o Patriarca Athenágoras.

É significativo que, a «provocar» o evento, tenha sido o último nascimento da realidade presente em Loppiano, isto é, o Instituto

Universitário Sophia, com a atribuição do seu primeiro Doutoramento *honoris causa*. Este evento, de grande relevo ecuménico e cultural, encontrou o seu alvéolo natural na vida da cidadela, que se reuniu à volta do Patriarca, para lhe manifestar a sua gratidão e o seu amor, simbolicamente representados pela atribuição da cidadania honorária, que lhe foi atribuída na noite de festa a ele dedicada.

Momentos extraordinários, selados pelas palavras que o Patriarca nos dirigiu no Santuário Theotokos, na manhã da sua partida, e que nos tornaram perceptível a unidade entre nós como uma realidade que já nos foi dada.

Tudo isto parece que nos faça realçar de modo luminoso, não só no hoje da Obra, mas na Igreja e na humanidade, a vocação de Loppiano como «cidade de Maria», no seu fazer-se lugar e espaço privilegiado de encontro e de diálogo.

***Nestes últimos anos Loppiano mudou: tanto as suas estruturas como os seus habitantes.***

***Quais são os desafios maiores? Quais as certezas para o futuro?***

Sim, Loppiano mudou ao longo dos anos e ainda está em contínua evolução. Sim, de facto passou da presença predominante dos focolarinos e das focolarinas, nas suas Escolas de formação, para uma composição mais variada. Agora estão presentes todas as Escolas dirigidas aos

membros de várias vocações da Obra. Aumentou o número dos habitantes estáveis, juntaram-se novas realizações: o Pólo Lionello Bonfanti e o Instituto Universitário Sophia, com a sua consistente comunidade académica. Em suma, Loppiano está a configurar-se cada vez mais como uma cidade.

Por isso, um dos desafios que mais nos interpela é crescer no ser comunidade na cidade de Maria, a Mariápolis. Isto interpela-nos também sobre a condição da cidadela, com a procura de modalidades que garantam uma participação cada vez maior, uma responsabilidade e envolvimento de todos os seus habitantes.

O nascimento da nova Zona da Itália abre, além disso, posteriores perspectivas de uma crescente sinergia, ainda toda por descobrir e experimentar.

Outro tema é a sustentabilidade, que nos empenha seja no plano da necessidade de forças como do suporte económico. Está-se a trabalhar nisso, em estreita colaboração com o Centro da Obra.

***As solicitações de tantas pessoas desejosas de conhecer melhor Loppiano abrem a cidadela a novos horizontes?***

Não podemos deixar de atender ao que nos pedem as actividades ligadas à irradiação e acolhimento. São, de facto, cada vez mais numerosas as solicitações, tanto por parte de visitantes externos, que gostariam de vir por mais dias, para poderem fazer connosco uma experiência de vida, como por parte de expressões do Movimento, que gostariam de realizar em Loppiano congressos, Mariápolis, cursos, pois experimentam a graça que a cidadela tem em si.

Anima-nos em tudo e sempre a certeza de que estamos ao serviço de uma Obra de Deus, nascida de um carisma. Certeza que se renova cada vez que alguém, depois de ter passado, até por breve tempo, pela Mariápolis, leva no coração a experiência e a esperança de um mundo unido.

*Ao cuidado da redação*





# Ligados por webex Ativos no local

**Os e as gen da região sul da América latina utilizam as potencialidades da Net para consolidar os relacionamentos de unidade no interior da nova Zona**

Somos os e as gen2 da região sul da América latina, uma das seis Zonas que fazem parte, com a nova configuração, da Grande Zona da América Latina. Da região sul fazem parte quatro Nações (Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai), semelhantes pela língua e cultura, mas também muito diferentes entre elas. Também nós, gen2, estamos a aprender a conhecer-nos nesta nova configuração da Zona. Todas as sextas feiras ligamo-nos por webex com as diversas

sem abrigo, hospedados num centro de acolhimento masculino. Convidamos com eles tempo e energias. Conhecemo-nos reciprocamente, procurando ajudá-los a viver melhor.

No **Uruguai** as gen2, que há pouco tempo eram ainda pouquíssimas e que, por isso, não conseguiam fazer encontros de unidade, começaram a reunir-se no focolar e também com outras jovens que desejavam conhecer ou aprofundar a vida gen. Juntas fomos à «Festa dos Jovens» na Argentina, onde ficamos fortemente tocadas pelo Ideal de Chiara. Muitas delas decidiram que, durante o verão, voltariam ali para frequentar a escola gen2.

Agora falamos das actividades nas diversas **Zonetas da Argentina**:

Em Casilda, cidadezinha perto de **Rosário**, muitos jovens, entusiasmados pelo Ideal da unidade, começaram a propôr algumas actividades continuadas, que agora continuam a desenvolver. Também para eles o encontro a não perder foi a «Festa dos Jovens», na Mariápolis Lia.

Em **Buenos Aires**, na área nordeste, uma vez por mês fazemos um *cinéforum*, em colaboração com membros do quarto diálogo, procurando trabalhar em rede com as famílias e a comunidade da Obra. Depois de um grande



Zonetas, para termos no coração as actividades e os projetos de todos. Da última vez estavam 14 pontos ligados. Nasceram muitas iniciativas, diferentes entre elas, mas todas com um olhar comum: o «*Ut omnes*».

No **Paraguai** unimo-nos a outros estudantes da Universidade para parar a corrupção no interior do ateneu, numa revolução pacífica e eficaz! Com vista à «Festa dos Jovens», que todos os anos se faz na Mariápolis Lia, na Argentina, organizámos um encontro com amigos e jovens interessados no Ideal.

Em Santiago do **Chile**, entre as outras actividades, procura-se ir uma vez por semana aos





número ter ido à «Festa dos Jovens», pensámos, em colaboração com a região sul, «trazer» a «Festa» aqui, a Buenos Aires, para dar a muitos jovens a oportunidade de conhecer o Ideal e dar assim a muitos deles um sentido para o qual viver.

**Bahía Blanca.** Aqui os e as gen2 trabalham com a «Fazenda da Esperança», para os jovens que estão a fazer um período de recuperação social. Juntamente com os gen3, depois, vão servir o lanche num infantário de crianças pobres.

**Córdoba.** Desde o ano passado, procurando actuar a Encíclica *Laudato sí'*, com outros jovens da Pastoral Juvenil, colaboramos em atividades ecológicas, como plantar árvores ou pintar um grande mural, para embelezar uma praça da cidade. Ao nosso trabalho frequentemente se unem também outros membros da Obra local.

Em **Mendoza**, semanalmente, levamos comida e vestuário aos sem abrigo, criando com eles relações de amizade. Um pároco quiz colocar uma fotografia de Chiara Luce na sua igreja, pedindo-nos para dar a conhecer a sua vida. Fizemo-lo com um vídeo, testemunhos e canções.

**La Pampa.** As e os gen2 ajudam a diocese na Pastoral das crianças. Este ano conseguimos criar um atelier com jogos e livros, no Pronto Socorro do Hospital pediátrico.

Em **Salta**, desde o ano passado (com o projeto Homem Mundo) trabalhamos com uma comunidade indígena local, para renovar a praça e a biblioteca. Organizámos partidas de futebol, segundo o «decálogo do jogo ideal». Juntamente com outros Movimentos juvenis, recebemos, da parte do Município, um reconhecimento por

este trabalho comunitário. Também houve muitos jovens de Salta que participaram na «Festa» na Mariápolis Lia, juntamente com aqueles de Córdoba.

**Tucumán.** Começámos a encontrar-nos também com os gen3, para projetar as atividades comuns. Trabalhamos também com a «fundação Lucia», realidade que surgiu na nossa cidade, da responsabilidade do Movimento. O Bispo pediu-nos para ajudar na preparação do encontro Eucarístico de 2016.

**Chaco.** Estamos a trabalhar para desenvolver Jovens para um Mundo Unido. Já subdividimos as funções: quem se ocupa dos encontros mensais



da Palavra de vida, quem está mais empenhado para a participação na «Festa dos Jovens». Os resultados? No regresso da Mariápolis Lia, os jovens quiseram organizar um encontro em Resistenza, para dar continuidade àquilo que tinham experimentado e aprofundar o Ideal da unidade.

**Paraná.** Para a caseta gen2 «Eletto» - apresentada na última Conferência telefónica CH – juntaram-se ajudas económicas. Uma oferta da Providência, que vai permitir que os gen2 possam ir viver no centro da cidade. Os e as gen2 continuam sem descanso a dar a conhecer o Ideal da unidade a outros jovens, também com a Palavra de vida.

Numa paróquia de Santa Fé, uma cidade vizinha, começaram assim, e agora, pouco a pouco, muitos jovens já se lhes juntaram.

*Magda Martinez e Esteban Mendez Lesser  
com os e as gen2 da região sul*

## Movimento Paroquial e Movimento Diocesano

# A capacidade criativa

**O empenho em «sair», para trabalhar no serviço concreto à sociedade e continuar em sinergia com outras realidades da Obra, alguns dos pontos que saíram do recente encontro das Secretarias da Europa, realizado em Castel Gandolfo**

O secularismo e a laicidade no mundo ocidental querem desterrar a paróquia para a esfera de uma religião privada, como se ela não fosse «a casa» dos cristãos, abertos totalmente para o mundo.

O Papa Francisco, pelo contrário, continua a incentivar as paróquias a abrirem-se aos vários aspetos da vida humana. E, na *Evangelii Gaudium*, afirma que a paróquia «tem uma grande elasticidade», e como é importante que «esteja em contacto com as famílias e com a vida do povo» (EV 28).

Quando o Papa fala da Igreja como um «hospital de campanha», pensa com certeza que, em primeiro lugar, sejam as paróquias e as dioceses a colocar-se ao serviço da humanidade. Tal como também a Obra nos convida insistentemente a fazer, seguindo o Papa e nesta nova configuração que se está a consolidar em todas as partes do mundo.

Esta e outras considerações foram tratadas no encontro para as Secretarias do Movimento paroquial (MP) e do Movimento

Diocesano (MD) da Europa, que decorreu de 6 a 8 de novembro em Castel Gandolfo. Considerações que encontraram em todos um eco profundo e um novo impulso para se lançarem para «fora».

Sentia-se a necessidade de se assumir a dimensão do cristianismo na sua forma integral, indo contra os preconceitos. E vimos que esta é uma necessidade que se está a encarnar.

Com efeito, constatou-se, na «vida» que nos contavam, muita dedicação nas ações de acolhimento aos refugiados e um trabalho capilar com todos os elementos da sociedade: adultos, adolescentes, crianças e jovens. Notava-se uma atenção especial pelo

### Também hoje... como ontem na fonte do Carisma

De 3 a 8 de agosto, realizou-se uma escola para os jovens empenhados, dos Movimentos paroquial e Diocesano, de várias Zonas do mundo. A fórmula já experimentada com êxito em Benevento, em 2014, enriqueceu-se com a presença de numerosos gens, sacerdotes e animadores adultos.

Um olhar duplo, para o interior e para o exterior, para estar em condições de conservar inteiramente a identidade

*(segue na página 20)*





do Carisma, inspirado por Chiara e pelo Evangelho vivido, mas também a adaptá-lo à nossa época atual. O desafio é grande, porque esta radicalidade exige que se compreendam profundamente os mecanismos da sociedade, para depois optar por não se submeter a todas as suas contradições histórico-sociais.

Daqui resultam os temas tratados: o relacionamento com o outro, o amor recíproco e o diálogo interreligioso e cultural, que foram retirados da crónica atual através de encontros-debates com a preciosa participação de Roberto Catalano, Paolo Loriga do Centro da Obra e Marta Caradonna e Francesco Marini da AMU (Ações Mundo Unido). Num mundo centrado na primazia do indivíduo, visto como um ser único, no âmbito comunicativo – pensamos na importância alienante dos social network (redes sociais) e dos meios de comunicação – podemos desejar a descoberta de uma outra dimensão da individualidade, vivida na reciprocidade.

Salientou-se a importância em investir numa formação de homens cristãos, seminaristas e empenhados que sejam chamados a trabalhar no social e a participar ativamente em iniciativas sobretudo dirigidas para as periferias existenciais e humanas.

mundo da família, com o acolhimento aos noivos, às famílias jovens e aos separados. Sentia-se a importância de educar, formar as pessoas para a vida civil, para a ética e para os valores.

Por outro lado, via-se também em ação a sinergia, o trabalho realizado juntamente com

outras realidades da Obra: a escola de Cadine de agosto passado (ver box) entre empenhados jovens e gens; a escola para formadores, programada para fevereiro de 2016, que estamos a preparar com os centros gen3 e gen4; a próxima escola pós JMJ na Eslováquia, realizada pelas diversas realidades dos jovens da Obra. E, no Centro como nas Zonas, vai-se construindo uma unidade cada vez mais profunda entre os ramos sacerdotais e as secretarias do Movimento paroquial e do Movimento Diocesano, que traz muitos frutos para a vida nas paróquias e não só.



Concluindo, um encontro iluminado pela esperança, segundo aquilo que a Igreja se propõe, de um «humanismo integral» para o nosso tempo.

*pe. Sandro Salvucci, Sameiro Freitas,  
Marco Bartolomei*



# A UPM faz 35 anos

Foi inaugurado o novo ano acadêmico 2015-16, dedicado ao tema da unidade

«Por que é que nós queremos estudar? Por que é que nós não queremos deixar nunca de estudar?» questiona Chiara no longínquo 1960, encontrando-se com um grupo de raparigas que queriam dar-se a Deus no focolar. A resposta era premente no seu coração: «*Perche amamos Deus! E, quando se ama alguém e se está apaixonado, quer-se saber desse alguém, tudo o que se pode saber. Nós queremos saber tudo o que pudermos saber sobre Deus, para nos podermos enamorar d'Ele cada vez mais*»<sup>1</sup>.

Esta foi a razão que levou Chiara - a 15 de outubro de 1980 - a uma simples, brilhante iniciativa: a fundação da UPM, uma Universidade «à distância», para a formação permanente dos membros do Movimento dos Focolares. Uma universidade Popular, que se pode frequentar independentemente dos estudos feitos ou em curso, mas que também é profunda e rigorosa. Enfim, uma universidade Mariana porque, assim como Maria se tornou erudita na proximidade com Jesus, também estudantes e professores da UPM que, ensinando e aprendendo, mediante o amor recíproco, procuram manter viva a presença de Jesus entre eles (cf Mt 18,20), para que seja Ele a informar, com a sua sapiência, o pensamento de cada um.

Anualmente, os inscritos na UPM são cerca de 10.000, coordenados pelas secretarias zonais distribuídas pelas várias zonas do mundo. As aulas são dadas na sede internacional do Movimento, seguidas em direto via *streaming* (live.focolare.org/upm) pelos estudantes que, nas várias partes do mundo, percebem o italiano. Os textos, traduzidos em seis línguas, (francês, inglês, espanhol, português, alemão, polaco) são depois publicados no site [www.universitapopolasemariana.org](http://www.universitapopolasemariana.org). O ano de estudo conclui-se com um colóquio estudante-professor, na ótica da espiritualidade de comunhão.

Chiara, em 2008, como último gesto público antes de deixar este mundo, fundou também um Instituto Universitário residencial [Sophia, em Loppiano (Firenze)]. Mas a UPM continua o seu curso e, de ano para ano, propõe novos projetos sobre variadas

perspetivas culturais ligadas ao carisma. Assim vai acontecer este ano com o curso *Chiamados à unidade*, inaugurado a 7 de novembro em Rocca di Papa, por Renata Simon e Francisco Canzani, conselheiros no Centro da Obra para o aspeto do Anil (Sapiência e estudos).

Uma exigência que surgiu em muitos lugares - explicam os dois conselheiros - é que as aulas da UPM estejam relacionadas com as questões urgentes da humanidade que nos rodeia. Recordamos algumas: a saúde precária do



1 CHIARA LUBICHA 'unidade', por Donato Falmi / Florence Gillet, Cidade Nova, 2015, pag. 121

## Calendário 2015-16

[live.focolare.org/upm](http://live.focolare.org/upm)

### 7 DE NOVEMBRO

Restaurar a unidade quebrada.  
Chaves de leitura no Antigo Testamento  
(GIOVANNA MARIA PORRINO)

### 21 DE NOVEMBRO

Relação homem-mulher: uma leitura  
antropológica (ROBERTO ALMADA)  
A unidade: realização da História  
da Salvação (MARIA MAGNOLFI)

### 23 DE JANEIRO

A unidade de Deus e a unidade «trinitária»  
vivida nos relacionamentos humanos:  
ideias bíblico-teológicas e práticas  
(DECLAN O'BYRNE -ENRIQUE CAMBÓN)

### 13 DE FEVEREIRO

Em direção à plena comunhão: apesar  
dos desafios, as Igrejas estão em marcha  
(JOAN PAVI BACK)

ambiente, a globalização que nivela culturas e valores dos povos, a diferença entre áreas ricas e áreas pobres da Terra, o não resolvido relacionamento entre homem e mulher, a teoria *gender* e por aí adiante. Se pararmos um momento a refletir - afirmam Francisco e Renata - podemos ler estas questões como consequências da não-unidade, da unidade não conseguida. Assim, em harmonia com o ponto da espiritualidade aprofundado por toda a Obra, a UPM retoma o tema da Unidade, precisamente para tentar dar juntos uma resposta a estas questões tão prementes.

*Anna Friso*



## Escola inter-americana na Mariápolis Ginetta

# A EdC como alternativa à crise

«A crise que estamos a viver, mostra-nos que está em curso um processo de desconstrução da sociedade. Haverá ainda muito sofrimento, mas depois nascerá uma coisa nova. Daí a importância da EdC como alternativa, ponto de referência para a reconstrução!».

É esta, resumidamente, a visão luminosa do empresário Rudi Leibniz, um dos pioneiros, entrevistado depois de ter vivido com os jovens, na Mariápolis Ginetta (Brasil) a intensa semana da escola interamericana da EdC (26-30 de outubro) e o Fórum dos empresários. (31 de outubro – 1 de novembro).

Para Rudi, a crise, especialmente aqui no Brasil, tem raízes numa profunda crise moral que se reflete na política e na economia, alimentando muitas carências: não só a nível financeiro, mas também no plano da saúde, instrução, relacionamentos, no plano espiritual, causando um desequilíbrio cada vez maior entre ricos e pobres. «A EdC deve, por isso, ir ao encontro de todas as carências!». E acrescentou: «Vejo nos esforços dos empresários – no Fórum foram apresentadas muitas experiências



– a resposta ao novo que deve surgir depois da crise».

É esta uma nova compreensão que está a abrir caminho, iluminada nestes dias pela profunda experiência de comunhão. O momento culminante foi sexta feira,

30 de outubro, depois de se ter ouvido as palavras históricas de Chiara de 29 de maio de 91, palavras essas que suscitaram o nascimento da EdC. Aqui tiveram um eco especial, pois ressoavam

naquele mesmo auditório onde foram proferidas. «Vi este video muitas vezes» – disse numa entrevista Armando Tortelli, um dos primeiros empresários da EdC– mas naquele dia tive a nítida percepção que só tinha compreendido uma ínfima parte e que, naquele video, está uma infinidade de “novidades” que só a vida e a unidade entre nós será capaz de compreender e atuar».

«Durante a escola, percebemos como os jovens se sentem atraídos pela EdC, quão forte era a sua certeza de que é possível uma vida baseada no carisma, que pode ser a resposta à sua sede de fraternidade e justiça social. Não hesitei em perguntar quantos pensavam em aventurar-se e responder à proposta de Chiara. 30 levantaram a mão. Destes, alguns já tinham iniciado novas empresas. E foi imediato, depois de ter consultado os empresários que estavam comigo, lançar aquela que chamámos “Operação um a um”. Senti que devia declarar a nossa disponibilidade em segui-los, no processo das atividades profissionais». No momento da entrega dos certificados, cada jovem já estava ligado a um empresário.



«Foi um momento forte – disse Anouk Grevin, da Comissão central da EdC –. Uma onda de comoção invadiu a sala. Tocava-se aquele cume de comunhão no qual o próprio Deus se torna presente. Foi forte a percepção que, naquele momento, nasceu a segunda geração da EdC. Lembrei-me da imagem do

troféu que Chiara mostrou aos jovens, quando nasceram os gen: ao adulto que já tinha dado a volta ao mundo com a bandeira do “Ut Omnes” juntou-se um jovem, para correrem juntos para a mesma meta».

«É o nascimento de uma experiência nova, um forte sinal de vitalidade», disse Vittorio Pelligra, um dos docentes desta escola. E citou uma frase onde Chiara previu que «a certa altura, uma experiência de Deus permite-nos restituir a Vida à vida». «É um passo novo que tem as suas raízes em 25 anos de fidelidade de muitos empresários», disse ainda Armando. «Naquele momento vi serem compensadas todas as dificuldades vividas por nós. Manifestou-se só a esperança, só a vida».

«Havia uma expectativa em relação a esta escola – confiou-nos Anouk -: que pudesse ser um laboratório capaz de produzir algo de “novo” para a EdC, não só para o continente, mas para o mundo. O que sucedeu ultrapassou em muito as previsões e faz-nos acreditar que a EdC tem um grande futuro».

*Carla Cotignoli*

Ambiente e «direito»

# Entre responsabilidade e participação

**O Congresso internacional «Comunhão e Direito» reuniu, em Castel Gandolfo, 230 participantes de 20 Países, de 4 continentes**

Foram três dias (13-14-15 de novembro) de um diálogo produtivo entre juristas, professores, profissionais do direito e estudantes. Muitos eram professores e investigadores que contribuíram ativamente ou se puseram a ouvir com simplicidade. Um encontro para refletir e debater acerca da relação entre o ambiente, a pessoa e os direitos, e para abrir - a partir das legislações das diferentes áreas geográficas - novas perspectivas jurídicas de participação.

Alguém afirmou: «A inundação começou». Efetivamente, para esta Rede internacional de investigadores e trabalhadores do âmbito jurídico, intitulada "Comunhão e Direito" (CeD), o Congresso marcou um grande passo em frente. Sobretudo para quem participava pela primeira vez, foram surpreendentes: o rigor científico das exposições e a sinergia com a atualidade, a metodologia que a todos dava espaço e a riqueza dos relacionamentos que se criaram assim



A Emmaus, que dias antes tinha seguido uma parte do programa pelo *streaming*, no dia 15 de novembro quis intervir pessoalmente, através de uma mensagem que, como introdução, tem estas comoventes palavras: *«Permitam-me que vos diga uma palavra que brota do meu coração: obrigado, obrigado porque existem, obrigado pelo trabalho que fazem. Ouvindo as vossas intervenções, tudo me pareceu muito bonito. Realmente gostei muito de ouvir estas lindas coisas positivas, esta visão, este olhar positivo. Tudo me pareceu ainda mais OURO, quando à noite segui o que sucedeu em França (os atentados de Paris do dia 13 de novembro, ndr). Nesse momento vi, quase por contraste, ressaltar a preciosidade daquilo que fazem porque, paradoxalmente, [...] quanto maior é o mal, maior é o realce das possibilidades do bem que existem no mundo. [...] Como aquilo que contaram, tanto que me pareceu que, de certo modo, anteciparam o que depois pensei dizer na declaração que me pediram que fizesse ou seja: que, a uma violência não se responde com violência, mas introduzindo na sociedade gérmens de bem, que são a única resposta, até a estes males extremos».*







como a «excelente» participação dos jovens, a visão universal, a linguagem «comum». Foi unânime o apreço por se ter posto como questão o direito e as suas implicações a nível do ambiente e a visão unitária que, como pano de fundo, se revelou ser capaz de recompor, através de uma dimensão relacional, as palavras 'homem' e 'natureza'. Foi preciosa a colaboração com outras Inundações: a da Arquitetura, Pedagogia, Movimento político para a unidade, a EcoOne e a da Economia, numa «sinergia» de contributos. Não faltou a colaboração da Humanidade Nova nesta viva experiência de nos sentirmos 'Obra Una'.

Um jovem advogado, assessor municipal, disse: «O alcance da mensagem de esperança e os testemunhos de vida demonstram como ainda é possível atuar no quotidiano sem se deixar render pelas lógicas, que nada têm a ver com a lealdade, o respeito pela sociedade civil. Tudo tem o seu custo, mas a coerência com determinados valores não tem preço. Ter a possibilidade de ouvir a experiência e trabalhos de outros Países, onde a relação homem-natureza é diferente da europeia, reforçam a minha convicção de que a diversidade é uma mais-valia» Uma advogada: «Um Congresso de grande envergadura. Fez com que superássemos todas as divisões entre as pessoas, quer tenham um credo religioso ou não».

Um estudante do primeiro ano: «Aqui fala-se com professores universitários e magistrados como se conversássemos com um amigo no café!».

Foram diversos os contributos das várias áreas geográficas. Entre estas a experiência dos

produtores de tomate da Sicília. A aplicação de uma nova lei regional, que não permitia o diálogo com a cidadania local, teria levado a uma perda de centenas de postos de trabalho. Alguns dos membros de «Comunhão e Direito» puseram-se em ação e obtiveram a declaração de 'ilegitimidade constitucional' dessa lei regional, assim como o reconhecimento do direito de participação nas decisões referentes ao território, partindo do princípio (posto em evidência pela Corte Constitucional) de que nenhum sujeito institucional se pode considerar «Senhor» exclusivo num território.

A experiência da Amazônia, contada por quem conseguiu reciclar materiais de lixo, nessa região - algum deste material estava escondido, porque vinha de atividade ilícita - transformando-o em matéria-prima, com a qual foi possível manter associações de beneficência.

E ainda a experiência de um magistrado italiano que se dedicou a combater a poluição ambiental do maior campo de tiro da Europa (na Sardenha), que causava a propagação de tumores nas pessoas e nos animais. Ele decidiu fazer uma grande viagem para ouvir o testemunho de uma senhora, que não podia deixar o seu filho, gravemente deficiente. Depois, quando voltou ao seu escritório, descobriu que, com aquela viagem, tinha dado um exemplo de atenção humana e de proximidade de um Estado mais consciente, a uma família que vive o seu próprio drama quotidiano na solidão.

*Maria Giovanna Rigatelli*

(ver também <http://comuniediritto.org>)

*Apresentamos a seguir o perfil de algumas pessoas do Movimento dos Focolares que, nos últimos meses, partiram para o Céu. Na Mariápolis on-line pode-se ler a versão completa dos telegramas enviados pela Emmaus, na altura em que alguns deles partiram ou a versão mais alargada de alguns perfis que, por motivos de espaço, não foi possível incluir aqui.*

## Doris Ronacher

*«O amor de Cristo absorve-nos completamente»  
(cf 2 Cor 5,14)*



A Doris, focolarina austríaca, concluiu a sua «santa viagem», no dia 19 de novembro, com muita paz e ro-deada por muito amor.

Para ela vai a especial gratidão do povo Bangwa e da família de Chiara em Madagáscar, assim como a nossa, e a de todos os que participaram na realização do desígnio de Deus naqueles lugares.

A Doris nasceu em 1946 numa família rica. Quando completou o curso de enfermeira, conheceu o Ideal através de uma amiga e inseriu-se logo na divina aventura da unidade. Depois da formação, foi para Fontem, onde ficou durante 21 anos. A seguir, foi para Madagáscar como Delegada da Obra e, em 2009, voltou para Fontem, também como Delegada. Graças ao seu «fazer-se um», revelavam-se e multiplicavam-se as várias vocações da Obra. O seu «agir» exprimia uma prontidão e uma profundidade únicas, enraizadas em Jesus Abandonado.

Inesperadamente, em 2012, durante o encontro dos Delegados da Obra, em Rocca di Papa, o Esposo apresentou-se-lhe na descoberta de uma doença grave. A Doris já não pôde voltar para a África e, para fazer os tratamentos da doença agressiva, mudou-se para o focolar de Viena. Em Julho de 2014, escreveu à Emmaus: «a vida tornou-se um jogo de amor: ocasionalmente, quando me acontece alguma escuridão... por causa da incerteza de não saber o que vai acontecer, consigo oferecê-la imediatamente ao Esposo. De várias maneiras - através de um e-mail, um telefonema, ou uma pessoa - Ele responde-me logo com um mimo, no próprio dia». A Doris abandonou-se ao Seu Amor. Contava com a unidade e com as orações de todos. Manteve

o seu humor e, esquecendo-se de si, irradiava alegria.

Chegavam-lhe mensagens de todo o mundo. «Em Fontem, foste para mim uma irmã com quem se podia falar e sentir-se bem recebido. Apoiaste-me de um modo incrível nos momentos difíceis. Pela tua doação sem reservas, toda a África te está reconhe-

cida», «Aprendi a pureza e a humildade». E, depois da sua passagem para o Céu: «Foi fiel até ao fim, como esposa alegre de Jesus Abandonado», «O seu viver a Desolada deu origem à resolução de muitas situações e frutos inesperados».

## Adán Calderara

*«Há um só Corpo e um só Espírito, assim como a vossa vocação vos chamou a uma só esperança» (Ef 4,4)*

Adán, o primeiro focolarino casado do Uruguai, chegou à casa do Pai no dia 17 de novembro.

Nasceu em 1937 e, ainda muito jovem, fez parte da juventude católica, coisa com muito significado num País de cultura laica. A sua dedicação era, ao mesmo tempo, de natureza religiosa e social, simpatizando com a Teologia da Libertação.

Namorava havia pouco tempo com a Silvina quando conheceu o Ideal. Tornando-se focolarino casado, foi um ponto de referência para muita gente e elo de ligação entre os focolarinos que vinham de fora e o povo do Uruguai. Foi, durante décadas, uma coluna do Movimento Famílias Novas, juntamente com a Silvina, que se

tornou voluntária. Tiveram dois filhos, a Mónica e o Alejandro (agora focolarino casado) e, para dar resposta ao desejo de Chiara de que os orfanatos ficassem vazios, decidiram adotar a Patrícia, a sua terceira filha.

Em maio de 2001, devido uma doença grave e galopante, a Silvina faleceu. O Adán contava: «Estivemos sempre muito apaixonados e procurávamos não perder a felicidade do nosso casamento e da nossa experiência espiritual». E ainda: «O amor vence a morte. A presença da Silvina continua a acompanhar-me, porque o amor é eterno».

Seguidamente, uma vez que os filhos tinham a sua vida já organizada, reformado e cheio de vida, tornou-se um focolarino de focolar. Sempre ao serviço, nutria um amor preferencial pelos focolarinos virgens.

Em outubro manifestou-se de novo uma doença, que anos antes tinha ultrapassado. No hospital, uma psicóloga perguntou-lhe como se sentia. O Adán surpreendeu-a com uma resposta imediata: «Muito bem, e sabe porquê? Porque se tiver ainda algum tempo de vida, tenho em casa muitas pessoas que me estimam muito, mas, se for para outro lado, também existem lá muitas pessoas que me esperam e me amam».

Alguns dias depois voltou para casa e via-se que estava feliz. Durante uma semana levantava-se de manhã e punha-se a trabalhar no computador, com vontade de querer terminar tudo quanto tinha começado. Pouco tempo depois perdeu a lucidez mas, dizia um focolarino, «é como se o Adán

gerasse a presença de Jesus no meio com a sua essência, com o seu olhar, com um sorriso. Entrar no seu quarto, coloca-te em Deus e, se não estiveres "lá", serás tu a sentires-te a mais».

Rodeado pelos focolarinos, pelos seus filhos e por uma neta, partiu serenamente para o Céu.

No seu funeral estiveram muitas pessoas da comunidade e numerosas pessoas que há muito tempo não frequentavam a Obra.

## Jeanne Vandriessche

«Caminhai na Caridade» (Ef 5,2)

A Jeanne, uma das primeiras focolarinas casadas da Bélgica, partiu no dia 22 de novembro, com 93 anos de idade.

Quando se casou com o Karel, também ele focolarino casado, tinha 33 anos. Tiveram quatro filhos. Em 1960, conheceu as focolarinas e percebeu que tinha «encontrado» tudo o que o seu coração tinha esperado. Fascinava-a acreditar profundamente no Amor de Deus e amar Jesus em cada próximo, empenho que deu um novo sentido à sua vida. Naquela altura, na Bélgica, não havia ainda o focolar. A Jeanne e o Karel, juntamente com a comunidade, contribuíram para formar as primeiras «pedras» da Obra. Cuidaram também de muitas pessoas marginalizadas. Receberam na sua casa um ex-presos e, com outras famílias, por turnos, asseguraram-lhe trabalho e deram-lhe apoio durante cinco anos, em que ocorreram muitas aventuras, até à sua morte.

Depois de ter aceitado o chamamento ao focolar, que considerava «uma predileção», descreveu-a como um «banho purificador» com o qual a sua humanidade se revestia de sobrenatural. E escreveu: «A vocação da focolarina casada é dura mas bonita, ultrapassa de longe aquilo que poderia ter sonhado durante os muitos anos que passei à procura da minha estrada. Dura e bonita, ao mesmo tempo, porque se sente que pertencemos quer à família natural quer ao focolar. Muitas vezes sentimo-nos divididas entre as duas. E parece-me que isto será sempre o nosso primeiro Jesus Abandonado».

Responsável, juntamente com o marido, por Famílias Novas, participava dos sofrimentos e das alegrias de muitos casais, ajudando com o exemplo, com a palavra e de muitas maneiras concretas todos os que tinham dificuldades. A seguir à publicação da Encíclica Humanae Vitae, com o marido e algumas outras famílias do Movimento, preparou-se e dedicou-se a procurar respostas para quem achava problemático pô-la em prática, dando um



contributo importante a muita gente. O amor a Jesus Abandonado abriu o seu coração, dilatando-o para procurar compreender qualquer diferença que existisse.

Com o passar do tempo, a sua relação com o Karel amadurecia cada vez mais. Em todos os aspetos da vida queriam chegar a ter o «pensamento de Jesus» e fazer tudo para que Ele triunfasse no meio deles.

Em 2007, mudaram-se para a Mariápolis Vita, dando testemunho vivo de alegria e pureza de coração. Os jovens e adultos que visitavam a Cidadela encontravam na sua casa a frescura do Evangelho. Quanto mais diminuía a saúde, mais se via crescer o amor recíproco entre eles e a gratidão a Chiara por tudo quanto lhes deu, pela grandeza do focolar e pela vida da Obra.

Foi muito comovente o reconhecimento expresso por muita gente.

## Enza Persia

«Fazei-vos servos uns dos outros» (Gal. 5,13)

Voluntária de Deus de Castellammare di Stabia (Nápoles), com 77 anos, voou de repente para o Céu, no dia 13 de maio.

Era uma jovem professora do ensino primário quando encontrou o Ideal e aderiu sem reservas. Na escola, testemunhava a sua escolha de Deus através de um amor preferencial por cada um dos seus alunos, que ficavam conquistados. Por ocasião de um super congresso gen3, conseguiu envolver toda a escola e mais

de cem alunos seguiram, no salão paroquial, o evento em direto.

Depois de ter frequentado a escola das voluntárias, dedicou-se à formação de um grupo de aderentes, e mais tarde foi-lhe confiado um núcleo. Exerceu estas funções com muita dedicação, com caridade

e com humildade, sempre voltada para quem tinha mais dificuldades. A sua casa tornou-se



a casa da comunidade. Ofereceu-se ao pároco para fazer a ligação entre a paróquia e os habitantes do condomínio onde morava: ocasião muito especial para construir relacionamentos verdadeiros e profundos com os vizinhos.

Quando a saúde começou a faltar, a Enza deu-se conta de que precisava de ajuda e contratou uma senhora que foi viver com ela. Também com esta pessoa a Enza estabeleceu uma bela relação, baseada num profundo entendimento espiritual.

Os dois últimos anos foram caracterizados por um puro amor a Jesus Abandonado, pela oração constante, pela unidade plena com o núcleo e com a comunidade. Como acontecia já há algum tempo, na tarde que precedeu a sua partida, o núcleo reuniu-se na casa dela. Foi um encontro com uma presença forte de Jesus no meio, fruto também da especial comunhão de alma da Enza, que disse estar na paz e na alegria.

*Do centro das voluntárias*

## Zofia Kwapisz

«Amo, portanto existo»

A Zofia, voluntária de Varsóvia (Polónia) deixou esta terra no dia 26 de maio, com 71 anos de idade. Quando era estudante, fascinada pelas conquistas da ciência, entrou numa profunda crise de fé. Depois de ter concluído o doutoramento em Linguística, dedicou-se ao ensino universitário e, com Andrzej, formou uma linda família que foi abençoada por três filhos: Tadeusz, Michal e Urzula.

Em 1984, uma colega falou-lhe do Ideal. «Depois de muitos anos perdidos - descreveu assim a sua conversão - começou finalmente para mim uma nova etapa: a descoberta da beleza do Ideal, o crescimento da vida espiritual. Onde existia o deserto, as flores desabrocharam. Antes, o meu lema era: “cogito ergo sum”, mas agora,



# Angela (Lillina) De Cimma

«Arrasta-me atrás de ti. Corramos!...»  
(Ct 1,1-4)

A Lillina, uma das primeiras voluntárias de Deus da Zoneta de Nápoles, chegou à Mariápolis celeste no dia 2 de julho, com 79 anos de idade. Conheceu o Ideal quando era uma jovem e apaixonada professora primária, tendo aderido de imediato e com garra. A vida da Obra tornou-se a sua vida. Encontrávamo-la a vender Cidade Nova à porta das igrejas ou a acorrer onde era necessário tratar ou ouvir alguém. A sua casa tornou-se lugar de encontros e de hospedagem de pessoas que estavam de passagem ou ficavam durante longos períodos.

Passou algum tempo na escola das voluntárias em Loppiano, e também um ano no Centro do Movimento, ao serviço das voluntárias de todo o mundo, e colaborando no então Centro Mariápolis de Rocca di Papa.

Quando voltou para a Zona, foi a primeira Delegada de Humanidade Nova, sempre atenta às problemáticas sociais da região, com um olhar especial para com os mais necessitados.

graças a Chiara, é "amo ergo sum": quanto mais amo, mais estou em Deus. Decidi viver por Ele». Em 1990, a Zofia tornou-se voluntária de Deus. O amor foi a sua escolha prioritária. Na família, com os amigos, no ambiente de trabalho de que tanto gostava. Com muita ternura e sensibilidade fazia-se um com todos, construindo pontes e ajudando os outros a fazer o mesmo.

Em fevereiro de 2014, surgiu a doença: «vou começar o tratamento - escreveu às voluntárias - e estou pronta a fazer, o melhor possível, a vontade de Deus. O meu propósito é: não me concentrar na doença, mas viver mais pelos outros». E em julho: «Todos os dias tenho um motivo para agradecer a Deus pela imensidão de graças que me concede. A quem me vem visitar, procuro

Na escola tinha uma predileção especial pelos alunos com dificuldades e trabalhava para tratar - às vezes no estrangeiro - dos casos mais graves. Os frutos da sua dedicação estão à vista de todos, alguns mesmo publicados num livro (Cimma-Lubrano, *Signuri signuri*, CittàNuova, 1978).

Sentia que Jesus a atraía para uma união mais íntima e, no dia 2 de julho de 1976, assinalou formalmente a sua total doação a Ele. Foi um sim que renovava todos os anos naquela data, festa de Nossa Senhora das Graças. A Lillina continuou a sua corrida no amor, mesmo quando a saúde começou a faltar. A quem lhe perguntava o segredo da sua serenidade, apesar das fortes dores, respondia: «O sofrimento tem um valor inestimável. Estou feliz!».

No dia 2 de julho, dia da renovação da sua doação a Deus, quando estavam com ela a irmã e duas voluntárias, repetiu: «Estou a ver Nossa Senhora, quero ir». E serenamente levantou «voo».

*Do centro das voluntárias*



transmitir a graça de viver a doença e a morte, levada pela mão de Deus-Amor». E, em dezembro, apesar das dores fortes: «Estou feliz por pertencer à família de Chiara: uma organização cheia de vida e alegre, porque entre nós existe a presença de Jesus. Antes de conhecer a Obra não teria nunca imaginado que pudesse partilhar também os momentos mais difíceis da doença, até à partida definitiva».

Na realidade, a sua correspondência com o núcleo continuou até ao fim: "a minha cruz - escreveu poucos dias antes da "partida" - é leve (porque a levais comigo) e o meu jugo suave (porque sinto muito amor). Assim, a minha alma canta, cheia de gratidão e de muita alegria».

*Malgosia Bober*

## Salwa Issawi

«Permaneçei no meu amor»  
(Jo 15,9)



A Salwa, voluntária de Haifa (Terra Santa) partiu para o Céu no dia 2 de novembro, com apenas 55 anos. Conheceu o Ideal ainda muito nova e lançou-se logo na vida gen. Estava sempre em doação: em casa com a mãe, que tinha ficado viúva, as irmãs e os irmãos, os sobrinhos, que a sentiam mais irmã do que tia. Mesmo quando se tornou voluntária de Deus, era sempre a primeira a chegar com um presente, nas festas de aniversário, ou a preparar comida para os focolares e outras pessoas. Em 1996, Chiara confirmou o seu nome «Salwa», que em árabe significa «o que consola e alivia».

A doença apareceu quando tinha 47 anos. Uma das primeiras consequências foi a quase impossibilidade de mover uma perna, mas participava da mesma forma no núcleo, onde partilhava a sua experiência, deveras contra a corrente. E contava: «Comecei a alegrar-me com a doença, não pela doença em si, mas porque sinto que Jesus está a permitir que eu participe na Sua cruz e nos Seus sofrimentos». A sua relação com Deus intensificou-se: «Senhor - rezava - não sei o que vai acontecer hoje, sei apenas que tudo foi preparado pelo Teu amor por mim. Por isso, não tenho medo e não deixo que as dores me esmaguem. Ofereço-Te todas as dificuldades e peço-Te para me dares forças para as suportar...».

Os tratamentos, muito dolorosos, traziam-lhe muito sofrimento, a ponto de temer a morte, mas por fim a doença pareceu debelada. A Salwa voltou a doar-se como sempre, mesmo se teve que vencer a amarga surpresa de ter de se reformar do seu trabalho. Apoiou com dedicação a mãe, agora já idosa e doente, e uma tia que estava num lar de idosos.

Na primavera de 2015, a doença reapareceu: foi um duro golpe, que, porém, a Salwa enfrentou com muita docilidade e sem se lamentar. As voluntárias e as focolarinas iam visitá-la muitas vezes para lhe assegurarem a presença de Jesus e rezar

com ela. Uma vez que os tratamentos não resultaram e as dores eram insuportáveis, a Salwa foi internada. A senhora muçulmana que tratava dela, os enfermeiros, os médicos e também as famílias de outros doentes ficavam admirados com a sua

paz. Não faltaram os momentos de escuridão, nos quais dizia que não conseguia rezar, mas depois, com quem estava com ela, reunia as poucas forças e entoava uma canção a Maria ou recitava o terço.

No seu funeral, a igreja estava completamente cheia. Em Haifa, não é costume as mulheres acompanharem os defuntos ao cemitério mas, com a permissão da família, as voluntárias e as focolarinas foram até lá, e rezaram e cantaram até ao fim.

Corres Kwak

## Rina Deglane de Murillo

«Felizes aqueles  
servos que o Senhor,  
quando vier,  
encontrar vigilantes»  
(Lc 12,37)



«A Rina foi uma mulher totalitária, forte e inteligente. A radicalidade com que viveu foi e é ainda um estímulo para apostarmos em Deus». É assim que a recordam as voluntárias de Arequipa (Perú), um ano depois da sua partida para o Paraíso, no dia 4 de dezembro de 2014, com 65 anos de idade.

Mulher forte, luminosa e inteligente, a Rina conheceu o Ideal aos 47 anos e, com o marido, Willy, e a filha Maria Grazia, aderiu de imediato. A partir daquele momento pôs ao serviço da Obra toda a sua vida, a sua riqueza humana, a sua profissão de professora. Conseguia acolher toda a gente, sem medida nem distinção, com amor, sabedoria e retidão.

Pouco depois, com o marido, foi-lhes confiado um grupo de Famílias Novas, que

## Os nossos parentes

Passaram para a Outra Vida: **Donetta**, mãe de **Donatella Rafanelli**, focolarina em Moscovo; **Livio**, irmão de **Franca Peraro**, focolarina no México, e de **Silvia**, focolarina casada de Trento; **Andreina**, mãe de **Daniela Campanini**, focolarina na Zonetta do Lazio Sul; **Aldo**, pai de **Eleonora Pandolfi**, focolarina na Mariápolis Romana; **Peppino**, irmão de **Imma Buono**, focolarina em Cadine (Itália); o irmão de Juliana (**Lia**) **Pimentel Coelho**, focolarina em João Pessoa (Brasil); **Amália**, mãe de **Marcello Catalucci**, focolarino em Milão; **Yvonne**, mãe de **Agnès Vuignier**, focolarina na Bélgica; **Bogumila**, mãe de **Krystyna Kebede**, focolarina em Cracóvia e de **Zofia**, focolarina casada de Poznan; **Herbert**, pai de **Mariola Kozubek**, focolarina na Mariápolis Fiore e de **Danusiae Ewa**, focolarinas casadas em Cracóvia (Polónia).

seguiram com dedicação, fazendo suas todas as preocupações deles para as entregar a Deus. Punha à disposição o seu tempo, a sua casa, com o cuidado de ter, para com todas as pessoas da comunidade que a iam visitar, um olhar preferencial, um conselho, respeitando a sensibilidade de cada um.

Em pouco mais de dois meses, devido a uma doença grave, concluiu a sua santa viagem. A Rina preparou-se para a meta, organizando todos os detalhes relativos ao futuro do marido e da filha.

E continuou a trabalhar com responsabilidade, chegando a levar consigo, para o hospital, os trabalhos de casa dos alunos para os corrigir. Não deu tréguas a si própria no serviço aos outros. Deixou como herança uma vida vivida na alegria do amor.

Lidia Erbetta

## Palavras de Vida de 2016

**Janeiro** | «Chamados a proclamar as obras maravilhosas do Senhor» (cf 1 Pe 2,9).

**Fevereiro** | «Como a mãe consola o seu filho, assim Eu vos consolarei» (Js 66,13).

**Março** | «O Reino de Deus já chegou até vós» (Lc 11,20).

**Abril** | «Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes» (Mt 25,40).

**Maiο** | «Ele habitará com eles; eles serão o seu povo e o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus» (Ap 21,3).

**Junho** | «Vivei em paz uns com os outros» (Mc 9,50).

**Julho** | «Sede bondosos uns para com os outros, compassivos; perdoai-vos mutuamente, como também Deus vos perdoou em Cristo» (Ef 4,32).

**Agosto** | «Um só é o vosso Mestre, e vós sois todos irmãos» (Mt 23,8).

**Setembro** | «Tudo é vosso. Mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus» (1 Cor 3,22-23).

**Outubro** | «Perdoa ao teu próximo o mal que te fez, e os teus pecados, se o pedires na tua oração, serão perdoados» (Sir 28,2).

**Novembro** | «De tudo sou capaz n'Aquele que me dá força» (Fl 4,13).

**Dezembro** | «Deus vem salvar-vos» (Is 35,4).

# Pensar Portugal atual



Cinco décadas, duas gerações ! 1966-2016... Eu sou dos anos sessenta quase setenta e tu? Cada um de nós tem bem claro quando "encontrou" ou "foi encontrado" pelo grande ideal que o fulgurou ! E são muitos os percursos, as narrações, as recordações iniciais, as experiências e até as aventuras desta estupenda espiral de vida que continua a expandir-se neste pequeno grande Portugal.

Como vamos celebrar? É a secreta pergunta comum...

Num evidente misto de gratidão e desejo de começar de novo, que invade todos - desde os mais pequenos, até àqueles "da primeira hora" - parece-me identificar um enorme coração que palpita a um ritmo indescritível. Parece-me visualizar uma grande reta que se projecta até ao infinito.

Um concurso de logótipo tocou as fibras dos artistas. E o júri escolheu a figura, que passou a ser o nosso símbolo dos 50 anos do Movimento dos Focolares em Portugal.

Não é uma aliança de ouro mas sim um rendilhado de vidas entrelaçadas pela luz, que tece uma significativa e harmoniosa arte tradicional. E que mais ? Ferveram as ideias!

Mas Hoje a notícia é sobre uma delas: Pensar Portugal Atual!

Sim, é disso que se trata: quem somos, qual a nossa identidade a partir da nossa História e... Um pequeno grupo dispôs-se a preparar esta atividade, aberta a todos. E tudo se organizou em pouco tempo!

Encontros simples, de reflexão comum, com

perspectivas que nos são oferecidas, gratuitamente, por expoentes desta terra. Intercâmbio de interrogações, ideias, experiências para uma consciência crítica, uma cidadania ativa e responsável, uma formação ao diálogo: passos de uma nova compreensão para concretizar o que realmente queremos celebrar com a nossa vida quotidiana - a fraternidade universal.

Durante os meses de novembro e dezembro, realizaram-se os primeiros momentos do Pensar Portugal Atual, com dois professores : Marcelo Rebelo de Sousa e o José Eduardo Franco.

Estas conferências-debate foram ocasião de partilha que nos fizeram saborear alguns traços da nossa história, alguns ainda pouco compreendidos . Vimos passar vários séculos e também tempos recentes de democracia, que nos mostraram não só factos, mas deixaram entrever os seus significados profundos, situando-nos nos nossos dias e na geografia actual da Europa e da sua relação com o mundo.

Foi evidente nos participantes o assumir conjuntamente, sem que tivéssemos previsto, aquilo que podemos chamar "otimismo" , "esperança", e vontade de "relançar-nos juntos" com força e responsabilidade. Foram duas "sexta feiras" à noite que nos deixaram o desejo de continuar e, com todos os que quiserem, desenvolver já gestos pessoais e colectivos que são desafios que favorecem **a justiça, a solidariedade e a sobriedade**. Como sublinhou o Papa Francisco, e a Emmaus reforçou, na sua entrevista recente sobre o ano da misericórdia, poderia ser esta a tónica deste Natal.

Maria Isabel Correia

